

HOMEM E MULHER NA FAMÍLIA DE AMANHÃ (*)

PEDRO CALDERAN BELTRÃO, S. J.
Porto Alegre

In recent years many books and articles have appeared on family and marriage. The renewed interest in these subjects should be related to three principal factors: the women's liberation movement, the crisis of the "nuclear" family, and the emergence of futurology.

The feminist movement aims not so much at a juridical emancipation of women as at the liberation from time-honoured sociological images. Its goal is to secure for women an equal share in the roles their male counterparts have not only inside but also outside their home.

Since the "nuclear" family is becoming more and more "modular", marriages are going to be much more unstable. Thus, it would seem, that marriage and family are at the threshold of a new challenge: what awaits both of them is not just one single future but many.

Em maio de 1970, a convite do Bispo do lugar proferi uma série de lições sobre problemas da família hodierna, no Instituto Teológico da minha terra natal, Santa Maria da Boca do Monte, uma antiga "Invernada" das "Reduções" jesuíticas entre os Guaranis, no extremo sul do Brasil, precisamente onde os pampas começam, para se estender depois, através do Uruguai e da Argentina, até à Patagônia e

à Terra do Fogo. A última lição tinha dado o título: "A Família no ano 2.000", e dele se aproveitaram os organizadores do Curso para lançarem a publicidade: os prospectos com o programa ostentavam em grandes parangonas o anúncio: "A FAMÍLIA NO ANO 2.000"!

Tática eficaz! o Curso foi seguido por cerca de trezentas pessoas, durante cinco dias consecutivos, todas as noites, depois do jantar. Conhecer o futuro interessa a muita gente.

Recordo que no momento em que estava para sair de casa, a fim de

★ Conferência pronunciada na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma) em 22 de novembro de 1974. Tradução do italiano de D. Alice Rosa Fontinha do programa em língua portuguesa da Rádio Vaticano.

ir dar a última lição, fui interpe-
lado por uma das minhas irmãs,
mãe de quatro filhos, dois rapazes
e duas meninas, de idades compre-
endidas entre os 18 e os 6 anos:
"Diz-me, Pedrinho, como será real-
mente a família no ano 2.000?".
Para ela, concretamente, isto signi-
ficava: "como será a família dos
meus netos?". "Não sei bem...",
respondi àquela inesperada per-
gunta, que, feita por uma das
minhas irmãs, me soava quase
como se fosse feita pela minha
própria consciência. "Então, o que
é que vais dizer esta noite?", insis-
tiu minha irmã Eda. "Bem!...
farei uma série de conjecturas
acerca de certas tendências obser-
vadas no passado e observáveis no
presente, às quais já me referi nas
lições precedentes, e aludirei a
alguma ou outra alternativa para
o futuro. Só isto...". Nos olhos de
minha irmã, que se despedia de
mim com um lindo sorriso, li um
pouco de desilusão: talvez lhe não
desagradasse ser irmã de um pro-
feta...

No campo científico, se os pontos
ainda obscuros acerca do passado
e do presente da família, são mais
numerosos do que os aspectos já
esclarecidos pela pesquisa séria e
tanto quanto possível objetiva, o
que se dirá acerca do futuro da
família, e em especial dos papéis
masculino e feminino no futuro?
Mas o espírito humano, imagem do
divino, é assim: não espera conhe-
cer perfeitamente o passado para
viver o presente e prescrever o fu-
turo, do mesmo modo que não
espera resolver todos os problemas
existentes sobre a face da terra
para explorar a face escondida da
lua.

Na realidade, a produção biblio-
gráfica sobre o futuro da família
e do matrimônio, bem como dos
papéis masculino e feminino, au-
mentou sensivelmente nos últimos
anos. Este fenómeno deve ser rela-
cionado com três fatos recentes: o
reaparecimento da ideologia femi-
nista; a crise na família nuclear;
e... o nascimento da futurologia

Reaparecimento do feminismo

No imediato pós-guerra, e ainda
durante os anos 50, o feminismo
parecia destinado a desaparecer:
ao mesmo tempo que se reconhecia
cada vez mais a igualdade jurídica
entre homem e mulher, cultivava-
se a "mística da maternidade". De
fato, a fecundidade conhecia uma
surpreendente e vigorosa recupera-
ção precisamente nos países mais
industrializados; o número de di-
vórcios estabilizava-se num certo
nível não muito elevado, ou até,
em algum ou outro país divorcista,
tendia para diminuir; a dimensão
familiarista era adotada nas polí-
ticas de previdência e bem-estar
social (1); enfim, assistia-se a um
"renovamento das idéias sobre a
família", como se lia no título de
uma típica obra francesa da época.

Já em meados da década de 60,
ao apresentar ao público italiano a
tradução de um livro francês inti-
tulado "Amanhã, as Mulheres",
Laura Lilli escreveu:

"'Amanhã as Mulheres' não
quer dizer que no futuro as
mulheres suplantarão os ho-
mens. Quer dizer que também

(1) Cfr. P. C. BELTRÃO: *Vers une
politique de bien-être familial*, Rome/
Louvain, Ed. PUG/IREES, 1957, 274 pp.

elas contarão. Se alguma vez existiu um livro contrário à guerra entre os sexos, esse livro é o de Evelyn Sullerot. Estamos do lado oposto do feminismo entendido quer como um movimento social (já definitivamente superado) quer como atitude mental e psicológica de reivindicação intransigente e mais ou menos petulante".

Mas eis que, entretanto, apareceu já, na América e também na Itália, a obra de Betty Friedan sobre "A mística da feminilidade". Particularmente na Suécia desencadeou-se um violento debate público, na esteira do artigo de Eva Moberg, de 1962, sobre "A emancipação condicional da Mulher" (2). Desta vez, era sobretudo um protesto contra o "duplo papel da mulher", doméstico e profissional, segundo o título de uma famosa obra clássica publicada nos anos 50 por Alva Myrdal e Eva Klein. Quer dizer, tinha-se chegado a conceder à mulher a paridade jurídica, sobretudo o acesso à vida profissional, **contanto que** ela continuasse a desempenhar também o papel estereotipicamente "feminino" de "dona de casa", caseira, abegoa. Repetidas pesquisas, feitas por exemplo em França, pelo Instituto Nacional de Estudos Demográficos, sobre o "budget-temps" da mulher, haviam já demonstrado como este "duplo papel", isto é, aquela "emancipação condicional" da mulher significava efetivamente

para ela, uma dupla fadiga, uma escravidão moderna, apesar dos progressos tecnológicos dos eletrodomésticos, da dietética infantil e da puericultura.

As vanguardas femininas deram-se então a reivindicar, se não mesmo a libertação dos trabalhos domésticos — velha utopia socialista —, pelo menos a participação paritária de homens e mulheres, quer na obrigação profissional de prover, do exterior, às necessidades familiares, quer à obrigação doméstica de acudir, do interior, à tarefa quotidiana de manutenção do lar e de cuidar das crianças. E para ir ao encontro das eternas lamentações masculinas sobre o stress da vida profissional, o mais recente feminismo lançou também o slogan da "emancipação masculina"...

A socióloga Jessie Bernard, uma das pioneiras, que durante os últimos 50 anos participou intensamente na pesquisa empírica sobre matrimônio e família na América, num seu livro recente sobre o futuro do matrimônio assim descreve a mudança verificada na ideologia feminista:

"A própria natureza das relações entre os sexos, juntamente com a sua estrutura formal, eis o que elas (as jovens radicais do Movimento para a Libertação da Mulher) procuram mudar; e não só o aspecto sexual de tais relações, mas também os aspectos pessoal, psicológico, psico-social. Que a mulher deva ser considerada uma "pessoa" autónoma, eis a sua meta mais vistosa. Assumiram uma ta-

(2) Rita LILJISTRÖM: "The Swedish Model" in SEWARD/WILLIAMSON (1970), pp. 202-205: "The climate of opinion in Sweden during the 1960 s".

refa específica. A geração das suas avós foi a das grandes paladinas da emancipação feminina; quem lê os seus escritos não pode deixar de lhes admirar a febre radical. Pelo contrário, a geração das suas mães foi a vítima da ortodoxia freudiana, daquela funesta ortodoxia que tomou a forma daquilo a que Betty Friedan chamou "a mística feminina", e que impôs à mulher do século XX um estilo ou modo de pensar e de sentir próprio talvez do século XIX mas de modo nenhum próprio do século XX. E assim, as mulheres radicais de hoje têm que recuperar o terreno perdido durante os anos 50 e ir mais além (chegar à pura e simples emancipação)" (pág. 236).

"O termo oitocentista 'emancipação' implicava libertação de constringimentos jurídicos. O presente termo 'libertação' é mais subtil: quer significar também libertação de constringimentos psicológicos, de pressões talvez não expressa em palavras, mas nem por isso menos persistentes; pelo contrário, mais insistentes ainda que as expressões verbais, que forcem as mulheres a adotarem um certo estilo de vida" (pág. 242).

Semelhante evolução não podia deixar de tornar mais aguda a "crise da família nuclear", sobre a qual também muito se tem escrito ultimamente.

Crise da família nuclear

Que a família, nos dois últimos séculos de revolução industrial-urbana e de desenvolvimento económico-social, se tenha transformado, de extensa-patriarcal em nuclear-conjugal, tornou-se já um lugar comum na linguagem diária e jornalística. Num famoso livro de há cerca de 10 anos, sobre "Revolução mundial e modelos de Família" (3), o sociólogo americano William Goode pôde demonstrar que esta matriz de evolução familiar elaborada sobre os dados obtidos na área sócio-cultural norte-occidental, sobretudo norte-americana, se demonstra válida também para quanto hoje se vem observando noutras áreas, que aliás apresentavam ancestrais configurações familiares bastante diversas, como a oriental, a árabo-muçulmana ou a negro-africana, de modo que se pode falar de uma linha convergente de mudança familiar já de dimensões mundiais.

A família hodierna é chamada "nuclear" não só porque de fato se restringiu à convivência entre marido e mulher, com um número cada vez mais reduzido de filhos, mas também porque, nela, as suas funções se foram reduzindo cada vez mais, de institucionais, em interpessoais, segundo a formulação, que se tornou clássica, do sociólogo americano William Ogburn (4).

Num interessante estudo publicado na Itália há cerca de um mês, sobre "Famílias abertas", ou seja, sobre as "comunidades" urbanas norte-

(3) William J. GOODE: *World Revolution and Family Patterns* Glencoe, 11, The Free Press, 1963, 432 pp.

(4) Cfr. P. C. BELTRÃO: *Sociologia della famiglia contemporanea*, Roma, PUG, 1968, 151 pp.

americanas, com uma nota preliminar sobre comunas semelhantes existentes também na Itália, as autoras Donata e Grazia Francescato (que se dizem sequazes do ponto de vista socialista, feminista e laico — pág. 223) consideram como tarefas principais desempenhadas pela hodierna família nuclear as três seguintes:

1. algumas funções relativas à manutenção (redistribuição do rendimento) e à gestão doméstica;
2. algumas funções psico-sociais que dizem respeito ao casal adulto;
3. algumas funções de reprodução e socialização das crianças.

Pois bem: todos estes três grupos de funções residuais da família nuclear estariam hoje em crise.

As funções relativas à manutenção experimentam os efeitos de todas as desigualdades, de todos os desníveis, discriminações e barreiras do mecanismo de redistribuição do rendimento, mediante o trabalho profissional executado fora de casa. Além disso, o desempenho das funções sócio-econômicas da família compreende o trabalho doméstico (o cuidado da casa e dos filhos).

"O primeiro, é considerado trabalho 'produtivo' e dá direito a uma remuneração; o segundo, é considerado 'de uso' e dá direito ao sustento. O primeiro, garante prestígio social; o segundo, não o tem. Graças ao primeiro tipo de trabalho, existem possibilidades, embora restritas, de mobilidade social; o segundo, não

proporciona mobilidade alguma (a dona de casa obtém 'prestígio' e pode passar de uma classe a outra 'indiretamente', enquanto depende 'in toto' da posição do marido). Por conseguinte, o trabalho doméstico é considerado inexistente, relegado ao limbo do privado: é o trabalho invisível... O cuidado da casa e dos filhos constitui, segundo a ideologia dominante, o trabalho natural da mulher, enquanto que o trabalho externo permanece um fato acessório e (em todo o caso) revogável. A mulher não está nunca 'desempregada': perdido o trabalho externo, volta a ser dona de casa. Esta consagração da mulher 'em sentido único' (mulher-mãe-dona de casa antes de mais), não só permite ao sistema garantir uma verdadeira mole de serviços gratuitos, mas transforma a mão-de-obra feminina num pool de força-trabalho elástico, vulnerável e facilmente manipulável segundo as exigências do sistema" (pág. 133).

De fato, como nota Sauvy no seu livro (de 1970) sobre "O socialismo em liberdade", até mesmo no sistema soviético viria a ser demasiado oneroso para o Estado substituir com o trabalho remunerado as benévolas atividades domésticas dos pais, sobretudo das mães; e terá sido esta uma das razões pelas quais os Soviéticos decidiram a restaurar a família (5).

(5) Alfred SAUVY: "Le socialisme en Liberté, Paris, Denoel, 1970, 330-341 pp.

A família nuclear faz sobressair a função conjugal do matrimônio, mas não sem ambigüidades e anomias. Em particular, o papel materno da mulher, baseado no fato biológico de que só ela pode trazer no seio um novo ser humano, nas precárias condições de sobrevivência demográfica em que a humanidade viveu durante milênios, foi culturalmente, sublinhado com tanto vigor, que parecia definir o ser feminino. Certamente, quando, por uma questão de sobrevivência da espécie, a fecundidade humana devia tender para o máximo, isso concretamente significava para a mulher repetidas gravidezes durante todo o seu período fértil, e, por conseqüência, a impossibilidade de desempenhar outros papéis sociais. A verdade é que, desde os alvares da humanidade, durante os passados milênios e até à era tecnológica atual — expressamente até ao decrescimento secular da mortalidade, característico da época contemporânea — o papel feminino se reduzia forçosamente à sua função biológica de mãe de família.

Para explicar sociologicamente o fenômeno contemporâneo da transformação do status e do papel da mulher, os estudiosos, remontando à ideologia feminista recorrem a fatores objetivos, tais como, num primeiro tempo, o trabalho extradoméstico da mulher, que na protoindustrialização assumiu de fato proporções consideráveis, até dois terços do total das mulheres em idade de trabalhar; e em seguida, a obrigatoriedade escolar, que desde o início se estendia também ao

sexo feminino (6). O fator demográfico subjacente, a que nos referimos, é igualmente importante, apesar de demasiado esquecido, como se a situação tivesse sido sempre assim: isto é, o fato de que, devido à diminuição da mortalidade, sobretudo infantil e juvenil, a mulher que hoje dá à luz dois filhos realiza uma função demográfica igual à da sua antepassada que mandava ao mundo doze (7). Pense-se, por exemplo, que nas condições bio-sociais modernas, (digamos as da Itália), uma média de 4 filhos por família levaria a um crescimento demográfico de 3% ao ano, e por conseguinte, matematicamente, à duplicação da população respectiva no breve período de tempo de 23 anos.

Portanto, a dimensão procriadora da relação conjugal deve forçosamente ser reduzida a um mínimo. Isto, poderia levar a realçar a dimensão unitiva da mesma relação. Mas eis que, a atual "revolução sexual" nas sociedades "permissivas" e "consumistas" solicita outras dimensões, particularmente a lúdica e a lúbrica. Num ensaio recente, Fabio Giardini prefere usar a expressão "rebelião sexual", porque se trataria de um movimento em plena fase destruidora (8). Façamos ainda de "anomia sexual", isto é, uma situação caótica em que sobrevivem as antigas normas declinantes, com novas normas emergentes, ainda não suficientemente sedimentadas. Ou então, adotando a formulação de Bernard, diga-se que entre segurança e liberdade

(6) P. C. BELTRÃO: op. cit. (1968) cap. VI: "Promozione della donna nella società e nella famiglia".

(7) Id., ibid. cap. IV: "Transizione demografica e funzione procreativa della famiglia".

(8) Fabio GIARDINI: *La rivoluzione sessuale*, Roma, ed. Paoline, 1974, 287 pp.

o pêndulo tendeu demasiado para o lado da liberdade. Daqui resulta a incongruência entre costumes, princípios religiosos, e leis — sublinham as Francescato (pág. 140) — pelo que, “se verifica uma tolerância maior perante as experiências e os desvios da norma, e neste sentido, para um casal existem maiores oportunidades de adotar esquemas de referência alternativos com os esquemas dominantes”. Está, pois, em crise, tanto a exclusividade como a permanência da relação sexual. Está em perigo a estabilidade da família nuclear, visto que, enquanto na antiga família extensa o conjunto familiar era estruturalmente estável apesar de a relação matrimonial ser estruturalmente instável — e muito mais do que se pensa —, na família nuclear coincidem a instabilidade matrimonial e a instabilidade familiar.

Com isso sofre a terceira função da família nuclear: a parental, de reprodução e aculturação dos filhos. Na família extensa, os filhos viviam em função da família, e a ela permaneciam diuturnamente subordinados, sobretudo as filhas, mesmo depois da maioridade e do próprio matrimônio. A família nuclear, pelo contrário, vive em função dos filhos, os quais, porém, dela se emancipam precocemente, sob o ponto de vista psico-sociológico, muito antes da maioridade da emancipação jurídica. Daqui, um generalizado sentido de frustração, tanto dos pais em relação aos filhos como destes em relação aos pais.

Acrescente-se ainda, que, enquanto no passado eram os pais que modelavam o comportamento

dos filhos, hoje, pelo contrário, são os filhos, sobretudo os adolescentes, que tendem para modelar o comportamento dos pais, e estes dificilmente se adaptam a um tal “feedback” ou reação no sentido inverso.

Qual poderá, pois, ser o futuro desta família em crise, e nela, quais os papéis estereotipicamente masculino e feminino?

Re-dimensão dos processos de desenvolvimento e futurologia

Os resultados tantas vezes indesejáveis, e em todo o caso problemáticos, observados nas sociedades que se encontram na primeira linha desta evolução social, levam a querer deixar de lado aquela convergência verificada por Goode, e a procurar, pelo contrário, assentar o futuro noutros elementos alternativos. E isto, não só pelo que se refere ao matrimônio e à família, de modo especial aos papéis masculino e feminino, apesar de estes serem, por exemplo segundo pesquisas feitas na África negra (9), estruturas tradicionais muito resistentes à mudança moderna. Alguns países em fase de desenvolvimento recusam-se obstinadamente a seguir as etapas ou os estágios do desenvolvimento tal como historicamente ele se deu nas sociedades liberais do Ocidente, ou no modelo socialista soviético. Tanto mais que estas sociedades opulentas, chegadas ao apogeu do desenvolvimento industrial, se interrogam, com maior ou menor ansiedade, acerca

(9) Edith E. LORD: “Emergent Africa” in SEWARD/WILLIAMSON (1970), pp. 44-60.

do seu próprio futuro "pós-industrial", ou consideram até seriamente a hipótese da renúncia ao crescimento, eufemisticamente chamado "crescimento zero", e formulam projetos de "re-desenvolvimento", isto é, de re-dimensão de todo o seu processo de desenvolvimento.

Se acrescentarmos ainda a "nova fronteira" aberta pela exploração espacial, poderemos imaginar-nos numa daquelas encruzilhadas históricas que sempre foram fecundas em utopias e ideologias, como o setecentismo de Condorcet e Cabet, ou o quinhentismo de Tomás Moro e Campanella.

Quando o presente parece esgotar as promessas mais desejáveis do passado, a humanidade sente-se levada a sonhar o futuro..., e isso pode ser sinal de rejuvenescimento; em todo o caso interessa sobretudo aos jovens.

Mas as "ondulações" históricas não são nunca simples repetições. A maturidade da metodologia estatística, vigorosamente sustentada pelo progresso tecnológico no campo da computação, deu aso desde a última Guerra Mundial, a extrapolações, projeções e simulações quantitativas com finalidade econômica e sobretudo militar que conferiram ao "forecasting" uma aureola de cientificidade. Veio-se criando uma nova ciência previsional, hibridamente batizada pelo alemão Flechteim com o nome de "futurologia".

Quando a respectiva ciência emprega dados numéricos como a economia e a demografia, a projeção para o futuro torna-se bas-

tante fácil, embora as técnicas elaboradas *ad-hoc* nos últimos decênios, por exemplo para as projeções demográficas, possam parecer algo complicadas. De resto, a projeção quantitativa não tem outra pretensão senão a de extrapolar as tendências observadas, dentro de certos parâmetros não raro alternativos. Muitas vezes, porém, são os próprios economistas ou demógrafos a chamar em causa os estudiosos de outras disciplinas sociais e humanas, pois caem na conta de que os fatos e os fatores tratados por estes últimos podem demonstrar-se tão determinantes como as variáveis econômicas e demográficas. Mas então a pesquisa interdisciplinar e mesmo "holística" sobre o futuro, se, por um lado, pode pretender chegar, de simples projeções extrapolantes e alternativas, a alguma colsa já mais próxima da verdadeira e própria previsão, por outro, perde não pouco da sua objetividade e certeza, uma vez que deverá passar através da axiologia sociológica e ética, incorporando juízos, facilmente subjetivos, de funcionalidade e de valor (10).

Em todo o caso, a atual tendência futuroológica, já rica de instituições, encontros, publicações, cursos — e aqui desejaria prestar homenagem a um dos mais dinâmicos destes centros de previsão, que tem a sua sede em Roma: o IRADES, Instituto de Investigação e Formação para o Futuro — (11), está a contribuir para criar a convicção de

(10) Cfr. "Futurologie", *Revue Internationale des Sciences Sociales* (UNESCO) XXI (1960) 4, numéro spécial.

(11) IRADES, *Directory — Social Forecasting — Documentation 1972*, Ideas, Men Organizations, Activities, Roma, Edizioni Previsionali, 1972, 562 pp.

que o futuro, não devemos suportá-lo, mas construí-lo: por outras palavras, que as configurações futuras dependem em grande parte das nossas opções presentes.

Natureza e cultura

Tratando-se, então, do futuro da família, bem como dos papéis masculino e feminino, compreende-se que não seja muito fácil falar deles em termos rigorosamente científicos: tantos são os interesses ideológicos e as ressonâncias emotivas de um argumento deste gênero, mesmo quando a exposição versa sobre o passado e o presente.

Que as instituições matrimonial e familiar e que os ancestrais papéis feminino e masculino sejam um fato "natural" ou um fato "cultural" eis uma das questões fundamentais, — mesmo para a atitude perante o futuro —, sobre as quais parece não existir um acordo de base entre os nossos contemporâneos, talvez porque não foram ainda suficientemente aclarados os conceitos de "natureza" e de "cultura", e menos ainda as relações entre uma e outra. É com demasiada frequência que se identificam "natural" e "biológico", e se esquece que o "cultural" pertence preminentemente à "natureza" do ser racional, quer se trate do homem quer da mulher.

Grupos ou subgrupos sociais compostos por marido e mulher com a respectiva prole, são realidades presentes no mundo desde os alvares da História; mais ainda, já entre o lusco e fusco da Pré-história. Nem se conheceu nunca uma

sociedade humana sem uma certa institucionalização de família, matrimônio, sexualidade. A proibição do incesto foi, provavelmente, o primeiro passo da estruturação social. Mas precisamente aqui se descobre a íntima implicação existente entre natureza e cultura: sobre o alicerce biológico depressa se ergue a estrutura tipicamente cultural requerida pelo *homo sapiens* no seu con-viver. A família — sobretudo a "nuclear", cuja universalidade subjacente às diversas formas que pôde assumir o conjunto familiar extenso é antropológicamente certa — deve, portanto, considerar-se um fato ao mesmo tempo natural e cultural. O mesmo se diga acerca do papel materno baseado no imutável fato biológico. Por conseguinte, a instituição e o papel persistirão enquanto subsistir o fundamento biológico, mas as formas culturais que assumirem, poderão ser bastante diversas, dependendo tudo da funcionalidade respectiva nas várias estruturas sociais.

Mas será realmente verdade que o fundamento biológico há-de permanecer imutável?

A tecnologia da reprodução humana

Uma das mais sérias ameaças à persistência da instituição familiar poderá vir, num futuro não muito remoto, dos formidáveis desenvolvimentos registrados ultimamente na tecnologia da reprodução humana. As transformações económicas tiraram já ao grupo familiar uma grande parte da sua função económica (para a conservação dos

indivíduos) que, apesar de tudo, prevalecia em todas as sociedades pré-industriais. A família foi deixada a função biológica de transmissão da vida humana (para a conservação da espécie) e a de aculturação (para a conservação da sociedade). Esta última vem sendo cada vez mais substituída pela escola, pelos **mass-media** e pelas solicitações ideológicas. O socialismo, por exemplo, geralmente não vê com bons olhos a família, por causa desta sua função demasiado conservadora. É certo que ainda resta a função conjugal, que aliás pode ser realizada — há quem diga: melhor realizada — pelo casal sem filhos, o qual não constitui uma família no sentido próprio da palavra.

A função biológica da família já se reduziu ao mínimo nos países mais desenvolvidos, muitos dos quais dão hoje os primeiros sinais de crescimento demográfico não só zero mais abaixo de zero, isto é, de diminuição das respectivas populações em números absolutos; mas também nos países menos desenvolvidos a fecundidade tenderá para diminuir durante os próximos decênios, e, no decurso do século XXI as suas populações, uma após outra, tenderão para se estabilizarem (12). Esta prospectiva demográfica é considerada muito provável, por ser a única sociologicamente funcional, isto é, correspondente às novas condições de sobrevivência da humanidade,

ameaçada, hoje e no futuro, não certamente pela escassez numérica, como aconteceu nos milênios passados, mas sim pela enchente demográfica, particularmente em relação à não ilimitada capacidade ecológica do Planeta. Por conseguinte, no futuro haverá uma ulterior diminuição progressiva da função biológica.

No fundo, a evolução social segue a linha da evolução biológica: a de uma crescente separação entre sexualidade e reprodução, à medida que se chega aos mamíferos superiores. E então na espécie humana, mesmo prescindindo dos métodos de controle preventivo, sejam eles naturais ou não, a maioríssima parte dos atos sexuais realizam-se nos períodos biologicamente não propícios à reprodução.

Ora, o desenvolvimento da tecnologia da reprodução humana vem separando cada vez mais da procriação a sexualidade, no encalço das prospectivas já não utópicas da inseminação artificial, da fecundação *in vitro* e da partenogênese, com a exclusão, por conseguinte, do elemento masculino. Talvez se venha a chegar, um dia, ao sucedâneo sintético do próprio óvulo, quer dizer, à exclusão até do elemento feminino, dado que já hoje a gestante é substituída pela incubadora que consegue fazer retroceder a viabilidade do feto ao quinto mês da concepção (13).

A predeterminação dos sexos já assoma no horizonte e será mais um fator a determinar o decréscimo da natalidade, pois em todos

(12) UN World Population Conference, *Recent population Trends and Future Prospects*, mimeo. E/CONF. 60/3, 1974; Tomas FREJKA: *The Future of Population Growth Alternative Paths to Equilibrium*, New York, John Wiley & Sons, 1973, 268 pp. (A Population Council Book).

(13) Anne McLAREN: "Biological Regulation of Reproduction", in ELLIOT (1970) 101-116.

os países mais desenvolvidos se observa que o terceiro filho, quando vem, é geralmente fruto da tentativa de ter prole também do outro sexo.

Programação genética do quociente de inteligência, do aspecto, dos traços da personalidade do nascituro; transplantações de embriões, fecundação e criação *in vitro*, possibilidade de engolir uma pílula (a famosa pílula sueca) assegurando desse modo o nascimento de dois ou três gêmeos; possibilidade de adquirir embriões num "banco" apropriado (como os que já hoje existem, não só de sangue e de olhos, mas de esperma; para a inseminação artificial); tudo isto, prevê o autor de "Choque do Futuro" (14), "poderia, dentro de um breve período de tempo, pulverizar todas as idéias ortodoxas sobre a família e sobre a sua responsabilidade... Quando os embriões puderem desenvolver-se num recipiente de vidro, em laboratórios, que será do conceito mesmo de maternidade? E que será da autoimagem da mulher na sociedade em que, desde os alvares do ser humano, sempre lhe ensinaram ser sua missão primária a da multiplicação e da propagação da espécie?" (pág. 241). O ciclo do nascimento — comenta o psiquiatra Hyman G. Weltzen, da Policlínica de Nova Iorque — "satisfaz, no caso da grande maioria das mulheres, uma importante necessidade criativa... Quase todas as mulheres se orgulham da própria capacidade de gerar filhos... Aquela áurea singular que engrinalda a mulher em estado interessante ocupou sempre

largo espaço na arte e na literatura tanto do Ocidente como do Oriente". Em que consistiria o culto da maternidade, "se a progênie da mulher pudesse literalmente não ser sua, mas a de um ovo geneticamente 'superior', proveniente de outra mulher e inserido no seu útero, ou até desenvolvido numa proveta?" (ib.).

Teria simultaneamente mudado o conceito de filiação: uma criança poderia ter mais de dois pais, como os "multi-ratinhos" produzidos pela Doutora Beatriz Mitz, no Instituto de Pesquisa sobre o Cancro, de Filadélfia. Cada um daqueles ratinhos tem mais do que o número normal de progenitores. Os embriões são auferidos de cada uma de duas ratinhas grávidas, colocados numa proveta, e nutridos até formarem uma única massa em crescimento; depois, são inseridos no útero de uma terceira fêmea: nasce um ratinho que tem pele e bigodes brancos de um lado do focinho, negros do outro lado, e o resto do corpo revestido de riscas alternadas de pelos brancos e pretos. Foram já produzidos centenas destes multi-ratinhos, os quais, por sua vez, procriaram dezenas de milhar de pequenos multi-ratinhos. Se um dia se chegasse ao "multi-homem", quem seria a mãe e quem seria o pai? "Se um casal pudesse efetivamente adquirir um embrião, então a paternidade e a maternidade tornar-se-iam uma questão jurídica, e não biológica", conclui Toffler. "A não ser que estas transações viessem a ser severamente regulamentadas, poderiam imaginar-se situações grotescas, como a de um casal que comprasse um embrião, o fizesse crescer *in vitro*,

(14) ALVIN TOFFLER (1970).

e depois comprasse outro em nome do primeiro, como para um *trust fund*; nesse caso, ambos poderiam ser considerados legalmente "avós", antes ainda que o seu primeiro filho tivesse saído da infância... Ainda por cima, se os embriões fossem postos à venda, poderia alguma sociedade anônima comprar um?; poderia comprar dez mil?; e poderia tornar a vendê-los? E, se não fosse precisamente uma sociedade anônima, não poderia comprá-los um laboratório não comercial de investigação?... Uma nova forma de escravatura?" (pág. 242).

No famoso romance de ficção científica "Bizarro Mundo Novo", Aldous Huxley imaginou, de fato, uma sociedade assim, baseada no condicionamento genético de classes de indivíduos. O romance é bastante fastidioso. Talvez que o autor o tenha feito de propósito para dar a impressão de quanto abundaria em tédio uma sociedade que prescindisse da família. Efetivamente, como observa Bernard, Huxley terá querido bosquejar uma "distopia".

Valores e tecnologia

Não há dúvida de que tais evoluções são possíveis. Mas serão também prováveis? Para já, não!, tranqüiliza-nos Bernard (pág. 59). Serão, porém, desejáveis, ou admissíveis?

É o momento de dizer que me demorei um pouco a falar sobre os desenvolvimentos futuros da tecnologia da reprodução humana

precisamente para abordar o âmago do problema das relações entre tecnologia e valores.

Por um lado, há quem pense que a humanidade, mais cedo ou mais tarde, acabará por fazer aquilo de que tecnicamente se tornou capaz. Lembremos os temores, as angústias e os escrúpulos de tantos cientistas, perante a perspectiva do uso ou do abuso que um dia poderia vir a fazer-se das suas invenções: por exemplo, as bombas atômicas sobre as cidades japonesas. Por outro lado, há quem confie em que a humanidade saberá regular ou mesmo conter os frutos indesejáveis do progresso tecnológico. Recordemos, por exemplo, os gases venenosos, empregados na primeira Guerra Mundial, mas não na Segunda. Recentemente, o Congresso Americano opôs o seu veto à fabricação de aviões comerciais supersônicos, precisamente por razões do bem-estar público. Lembremos ainda os esforços envidados no sentido de limitar o fabrico de armas nucleares estratégicas; as limitações hoje impostas ao desenvolvimento de determinados produtos industriais, por motivos ecológicos, etc. etc.

Uma moralidade adulta não consiste em não poder fazer o mal; mas sim em o não querer praticar, em virtude de certos valores nos quais se crê firmemente. "Potuit transgredi, et non est transgressus; potuit facere malum, et non fecit — podia transgredir (a lei), e não (a) transgrediu; podia fazer o mal, e não o fez": eis por que motivo é digno de louvor aquele que foi tentado e não caiu, diz a Sagrada Escritura (Eccl. 31, 10).

É necessário, ainda, que certos progressos sejam de fato considerados "um mal" e que o sejam para um número suficiente de pessoas. Ora, aqui, as coisas complicam-se, e não só por causa do pluralismo ético e político vigente no mundo atual, pluralismo que poderá ainda aumentar, no futuro: é que as relações entre tecnologia e determinados valores, não vão em sentido único, entendida a expressão como significando que certos valores podem barrar a estrada a determinados desenvolvimentos tecnológicos. Existe também a influência do desenvolvimento tecnológico sobre alguns valores, no sentido de requerer a reconsideração dos mesmos, a redução das suas dimensões, ou até a sua mudança. Quantas coisas, que eram de lei natural, para os nossos antepassados, já não são tais hoje em dia; e vice-versa!

Além disso, é necessário também que algumas das nossas convicções éticas sejam transmitidas de maneira convincente àqueles que estão efetivamente em condições de decidir sobre os progressos tecnológicos.

Por último, não se esqueça a tendência totalitária que existe ainda no mundo de hoje, e talvez venha a reforçar-se no de amanhã: ela é de tal entidade que bastaria para fazer temer e tremer pelo futuro não só da família mas da humanidade inteira. Certas decisões mortíferas podem ser tomadas por um pequeno número de pessoas, e até por uma pessoa só. Um belo dia, meteu-se na cabeça a Mao-Tsé-Tung que os passarinhos eram nocivos à agricultura chinesa, pois

comiam boa parte do arroz e do trigo. E então, todo aquele Povo foi transformado em gigantesco espantalho, e posto a fazer barulho durante dias inteiros, matando assim de cansaço e de inédia as amedrontadas avezinhas, aliás por outros consideradas como indispensáveis agentes ecológicos...

Alternativas para a família nuclear

As considerações feitas até aqui, sobre a crise da família nuclear, podem ajudar-nos a compreender por que é que um número crescente de jovens considera nocivo e enfadonho viver no interior dessa família, e parte em busca da experiência de estruturas primárias alternativas. A utopia comunitária, de matriz principalmente religiosa no século passado, hoje é motivada sobretudo por ideologias, sejam elas anárquicas, socialistas ou feministas.

Nos Estados Unidos, por exemplo, — mas o fenômeno observa-se também em muitas outras Nações, entre as quais a Itália — contam-se hoje por milhares as "comunas" de vários tipos, já atentamente analisadas no livro das Francescato, antes mencionado, bem como no da Bernard.

Há as "comunidades microcosmo", que abrangem todos os aspectos da vida quotidiana, desde a organização do trabalho às relações interpessoais, seguindo o ideal da integração entre as esferas privada e pública, e tendentes a fomentar a transição, de um sistema coercitivo baseado em estruturas jerárquicas e competitivas, para outro fundado

na adesão espontânea e em estruturas quanto possível igualitárias e cooperativas. Idealizou-lhes o modelo — num ensaio, este sim, de “eutopia” — o psicólogo behaviorista Skinner, com o seu famoso romance de ficção científica **Walden Two**, que data de 1948 mas que, como com ação de efeito retardado, em 1967 deu origem, no Estado de Virginia, àquilo que, na opinião das Francescato, é uma das mais interessantes experiências comunitárias americanas.

Por outro lado, há as “comunidades urbanas familiares ou famílias abertas”, as quais não se propõem criar comunidades nitidamente diversas do tecido social, mas tendem para uma diferente organização da vida quotidiana, e, libertando a mulher do papel de dona de casa, oferecem a ambos os sexos a possibilidade de contribuírem em igual medida para o trabalho produtivo e o doméstico.

Na sua diversidade, bastante notável, todas estas experiências, sobretudo as das comunas urbanas, tendem a superar a família nuclear com os seus estereotipados papéis masculinos e femininos. Embora não se possa simplesmente falar de “matrimônio de grupo”, parece todavia que as relações sexuais no interior dessas comunas são bastante fluidas, tanto no sentido da exclusividade como no da permanência.

Terão futuro? — No presente mostram-se bastante efêmeras. Lembremo-nos de que em alguns **Kibbutzim** israelitas foi adotada a tentativa de superar a família nuclear, mas, segundo parece, ultima-

mente se está verificando um retorno à forma nuclear (15). No campo macro-sociológico, esse foi sempre o plano marxista, desde que Engels ditou leis sobre as “origens da família, da propriedade particular e do Estado”, valendo-se das teorias — entretanto superadas — do etnólogo Morgan sobre os aborígenes australianos. Só que o plano marxista tem em vista superar não precisamente a família nuclear, mas a família *tout-court*. De fato, porém, esse projeto não foi realizado, nem na União Soviética (16), nem, muito menos, nas comunas chinesas, a não ser, neste último caso, com a tentativa — não se sabe até que ponto bem sucedida — de coletivizar o trabalho doméstico e o cuidado das crianças. Os observadores ocidentais são da opinião que, no que se refere à família, os comunistas chineses não conseguiram mais do que acelerar o processo de nuclearização já em ato desde havia décadas nas zonas urbanas, fazendo-o chegar também às zonas rurais.

Morte da família?

A família terá, pois, um dia de amanhã, ou está condenada à morte? A morte da família — é o título de um opúsculo do psiquiatra sul-africano David Cooper, publicado na Inglaterra em 1971 e na Itália em 1972. Tem por subtítulo: “O núcleo familiar na sociedade capitalística”. Tal como o seu compatriota Dr. Barnard, o autor parece mostrar-se se não um ho-

(15) A. I. RABEN: “The Sexes: Ideology and Reality in the Israeli Kibbutz”, in SEWARD/WILLIAMSON (1970) 285-307.

(16) GEIGER (1968).

mem genial, pelo menos original. Para ele, a morte da família prejudica a morte de Deus e a morte do Homem. "Não faz sentido — escreve (pág. 11) arremedando o sério intento de alguns filósofos estruturalistas e teólogos contemporâneos — falar da morte de Deus e da morte do Homem, enquanto se não for capaz de conceber plenamente a morte da família: aquele sistema que, como é seu dever social, filtra obscuramente a maior parte da nossa experiência, e por conseguinte priva as nossas ações de toda a espontaneidade genuína e generosa". Mas tranquilizemo-nos!: na última página do opúsculo, o carrasco da família confessa:

"Ao acabar de escrever este livro contra a família, atravessei um período de profunda crise, tanto física como espiritual, a qual se traduziu na experiência de renovação, de morte e de nascimento, de que falei nestas páginas. As pessoas que me assistiram mais de perto e se ocuparam de mim com imensa gentileza e solicitude durante o período pior da crise, foram: meu irmão Peter, minha cunhada Carol e as suas filhinhas. Exatamente como deveria fazer uma verdadeira família" (pág. 147).

Portanto, este profeta morre, talvez antes da família, provavelmente num hospital psiquiátrico, apesar de ser também um corifeu da "contra-psiquiatria"...

Foram já mais do que um psicólogo e um sociólogo os que vaticinaram a morte da família. Assim,

"em 1927, o psicólogo John Watson esboçou as tendências correntes e concluiu que por volta de 1977 o matrimônio deixaria de existir. Pois bem, estamos quase em 1977, e entre nós o matrimônio permanece vigoroso. Logo a seguir, nos anos 30, Lewis M. Terman, também ele psicólogo, descreveu as curvas estatísticas relativas ao comportamento sexual pré-matrimonial das mulheres, e concluiu que nenhuma jovem nascida depois de 1940 haveria de chegar virgem ao matrimônio. Pois bem, as mulheres nascidas depois dos anos 40, estão agora na casa dos 30, e a maior parte delas conservam a virgindade até ao matrimônio (afirma Bernard). Em 1937, o sociólogo Pitirim Sorokin vaticinou que os divórcios e as separações aumentariam de tal modo que um dia fariam desaparecer qualquer diferença real entre o matrimônio regular e as relações sexuais ilícitas; e vaticinou ainda que o lar viria a não ser mais do que um lugar de estacionamento noturno. Como, porém, ele não determinou a data desse acontecimento, não podemos avaliar da exatidão do seu vaticínio. Em 1974, outro sociólogo, C. C. Zimmerman, traçou algumas tendências históricas e concluiu que a família devia considerar-se condenada, a não ser que voltássemos a formas mais tradicionais" (Bernard, pag. 176).

Em 1972, a insigne socióloga Jessie Bernard, tendo-lhe sido dirigida pelas jovens feministas mais radicais dos Estados Unidos a fatídica pergunta: "haverá um futuro para o matrimônio?", respondeu com um "inequívoco sim":

"O futuro do matrimônio — escreve no epílogo do seu livro (pág. 301) — creio que está garantido, em toda a medida em que o pode estar uma forma social. Efetivamente, poucas são as relações humanas que se possam orgulhar de um futuro mais assegurado. Homens e mulheres continuarão a querer a intimidade; continuarão a procurar as mil e uma formas com que homens e mulheres compartilham e reciprocamente animam a própria vida; continuarão a querer celebrar este seu intercâmbio, a experimentar aquela mística unidade que um dia levou a Igreja a considerar o matrimônio como um sacramento. Homens e mulheres continuarão, pois, — segundo parece poderemos pronunciar-nos sobre o futuro — a comprometer-se na doação de um ao outro. Não existe probabilidade alguma de que estes compromissos tendam a desaparecer, e de que as relações entre homens e mulheres passem a ser meramente casuais ou transitórias. Tal compromisso pode, contudo, não tomar a forma que hoje conhecemos, se bem que também esta tem o seu futuro. Em todo o caso, seja ela qual for, uma forma de comprometimento existirá sempre. Pode ser que mude de nome: pode a gente começar a dizer: 'ligados um ao outro' (pair-bound), em vez de 'casados'; mas sempre existirão semelhantes pares de homens e mulheres ligados um ao outro, de uma ou de outra maneira.

Em suma: não vejo como a forma tradicional de matrimônio poderá conservar o seu poder monopolístico. Vejo, antes, um futuro de diversas opções matrimoniais. ...O matrimônio, pois, não só terá um futuro, mas terá, mesmo, vários futuros".

Assim chega Bernard à conclusão de tantos sociólogos modernos, que é também a do jornalista autor do "Choque do Futuro": nem o matrimônio nem a família morrerão, num futuro previsível, mas assumirão formas diversas, eventualmente até bizarras: serão, provavelmente, não só ainda mais móveis, mas, quase com certeza, "modulares".

Matrimônios e famílias modulares

A sociedade industrial provocou a mobilidade da família, tornando-a uma "família nódulo" portátil. A sociedade pós-industrial requer uma mobilidade ainda maior, uma família por assim dizer "modular", isto é, com partes intercambiáveis.

Para começar, já se entrevê uma tendência para aumentar de novo, como nos anos 20, o número de casais sem filhos. O pêndulo parece inclinar-se para o lado do famoso "companionship" do tipo-ideal construído pelos sociólogos Burgess e Locke já em meados dos anos 40: sobressairá cada vez mais a dimensão conjugal do matrimônio, até à exclusão, num certo número de casos, da dimensão parental. "A condição dos pais, — comenta a antropóloga Margaret Mead —, viria a ser limitada a um pequeno número de famílias, cuja tarefa principal consistiria em

criar as crianças", deixando os restantes componentes da população "livres de funcionar — pela primeira vez na História — como indivíduos" (individualmente ou aos pares). No fundo, seria a continuação do trend já observável nas sociedades mais desenvolvidas, nas quais as famílias "numerosas", com quatro ou mais filhos, embora constituam uma percentagem bastante pequena, nem por isso deixam de carregar sobre si grande parte da tarefa parental, infelizmente com resultados qualitativos nem sempre desejáveis.

Adianta-se também a hipótese de um certo número de pais "profissionais" haver de assumir a tarefa de criar os filhos por conta de outros.

"Não obstante a crescente complexidade da tarefa educativa — observa Toffler (pág. 244) — a paternidade e a maternidade continuam a ser a maior reserva do dileitante. ... Enquanto os exércitos de delinquentes jovens se tornam cada vez mais numerosos, enquanto centenas de milhar de rapazes fogem de casa, e os estudantes atacam as Universidades em todas as tecnossociedades, podemos esperar pedidos vociferantes de se acabar com o diletantismo dos pais. ... Já desde agora, milhões de pais, se tivessem essa possibilidade, de muito boa vontade se libertariam das próprias responsabilidades para com os filhos, e não necessariamente por irresponsabilidade ou por incapacidade afetiva".

Assim como no caso da harmonia conjugal as superabundantes receitas psicológicas de um "matrimônio perfeito" acabam por criar um certo complexo de inferioridade que pode também contribuir para uma maior instabilidade matrimonial, assim também com as inúmeras prescrições psicopedagógicas se acaba por levar alguns pais a persuadirem-se de que não se encontram à altura da sua tarefa educativa. De fato, já agora se observa uma tendência crescente para confiar os filhos, desde a sua mais tenra idade, a asilos ou a creches. Por outro lado, em várias nações vão surgindo "escolas de pais" (oxalá que elas existissem também para os sogros e as sogras...).

Delineia-se, pois, uma maior instabilidade matrimonial. "O amor, de interesse periférico da família passou a constituir a sua justificação primária. De fato, a busca do amor mediante a vida familiar tornou-se, para muitos, a própria finalidade da vida" (Toffler, pág. 250).

Mas no matrimônio baseado sobretudo no mútuo consenso, a coisa principal, na realidade e paradoxalmente, não é o amor: é a capacidade que ambos têm, ou não, de se adaptarem. Se existe o amor, tanto melhor; é como o óleo na engrenagem: facilita o ajustamento e o bom funcionamento. Mas se a engrenagem não encaixa bem, para que serve o óleo do amor?

Por isso, uma das condições da estabilidade do matrimônio, já hoje, mas muito mais no futuro, é que os cônjuges "cresçam juntos,

num desenvolvimento paralelo' (Toffler, pág. 251). A qualidade da relação entre marido e mulher depende, segundo o sociólogo Nelson Foote, "da medida de paralelismo nas suas fases de distinto mas análogo desenvolvimento". Ora, numa sociedade em rápida mudança e movimento contínuo, as probabilidades de êxito de um crescimento assim paralelo tornam-se muito reduzidas. Tanto Foote como Bernard (págs. 48 ss) indicam como fator agravante de uma tal situação o fato de que o marido segue uma carreira profissional, ao passo que a esposa continua a ser uma dona de casa mais ou menos embrute-cida.

"Numa sociedade em rápido movimento — acrescenta Toffler (pp. 252 ss) — em que muitas coisas mudam não uma vez só mas repetidamente, em que os maridos sobem e descem toda uma série de degraus econômicos e sociais, em que a família é continuamente arrancada à própria casa e à própria comunidade, em que os indivíduos se afastam mais do que nunca dos próprios pais, da religião de sua infância, e dos valores tradicionais, é quase um milagre que duas pessoas se desenvolvam com o mesmo ritmo ou com um ritmo aproximado".

Disso resulta que:

"milhões de homens e mulheres adotam hoje uma estratégia que lhes parece razoável e conservadora. Em vez de optarem por algum bizarro tipo de família, casam-se convencionalmente, tentam fazer

com que o seu matrimônio "resulte", e depois, quando os caminhos dos cônjuges se afastam para além de um limite aceitável, divorciam-se ou separam-se. Quase todos continuam a procurar um novo companheiro cujo estágio de desenvolvimento seja, em qualquer momento, igual ao seu".

Por conseguinte: matrimônio temporário, por partes, como nos filmes ou nas peças de teatro, talhado à medida para a era da transitoriedade:

"é a natural e inevitável consequência de um ordenamento social em que os automóveis são alugados, trocadas as bonecas, e os vestidos deitados fora depois de usados uma só vez. É a estrada real — vaticina Toffler — que há-de seguir o matrimônio de amanhã".

Praticamente, é um regresso à poligamia, não simultânea, decerto, mas sucessiva. Tornar a casar é uma prática de tal modo difundida que se deveria criar uma nova categoria de estado civil: "não casado segunda vez". Ao contrário, porém, do que se poderia pensar em gabinete, a investigação empírica demonstra que os novos matrimônios contraídos depois do divórcio não são necessariamente mais resistentes do que os primeiros, ou os anteriores.

Toffler conclui então apresentando aquela que, a julgar pelo que já se pode descobrir no presente, lhe parece deverá ser, no próximo futuro, a "trajetória do matrimônio" da atual geração jovem:

Primeiro estágio: O "casamento de prova", dos teenagers.

"Já desde agora, a juventude dos Estados Unidos e da Europa está a viver uma experiência de massa, com o casamento de prova. Mesmo as mais severas universidades americanas começam a piscar o olho ao costume da coabitação dos estudantes de ambos os sexos. O casamento de prova começa a ser aceito até por alguns filósofos religiosos. Assim, ouçamos o teólogo alemão Slegfried Keil, da Universidade de Marburgo, exortar àquilo que ele define "pré-matrimônio reconhecido". No Canadá, o Padre Jacques Mazure propôs publicamente os 'casamentos de prova' com a duração de 3 a 18 meses".

E alguns governos preparam-se para lhe regulamentar a prática: por exemplo, na Iugoslávia, novembro de 1974.

Isto, para não falar já das relações sexuais pré-matrimoniais, praticadas por número, ao que parece, crescente de noivos, como uma espécie de prova de adaptação sexual. O fenómeno está a ser objeto de atenta reflexão por parte dos teólogos, mesmo católicos.

Segundo estágio: Completados os 20 anos, escolhas diversas: formalizar a relação anterior, ou buscar um outro partner; ter filhos, ou não os ter; tê-los imediatamente, ou só mais tarde; criá-los, ou confiá-los a "pró-genitores".

Terceiro estágio: Quando os filhos deixarem definitivamente a casa, isto é, entre os 35 e os 40 anos de idade dos pais.

"O termo da condição de pais revela-se dramática para muitos indivíduos, de modo particular para as mulheres, que, uma vez idos embora os filhos, se sentem privados de razão de ser. Ainda hoje, muitos divórcios são devidos à incapacidade, por parte do casal, de se adaptar a esta fratura traumática da continuidade. ...Os jovens de hoje vão-se de casa mais cedo do que o faziam os da geração anterior. Os de amanhã partirão, provavelmente, ainda mais cedo. Inteiras massas de jovens abandonarão o lar paterno, quer para tentarem o casamento de prova, quer por outras razões, quando se encontrarem ainda só a meio do caminho da adolescência" (pág. 255).

Quarto estágio: Outro momento crítico pode apresentar-se quando um dos cônjuges, ou ambos, entram em reforma. Mas uma mudança no ciclo familiar poderia mudar a prospectiva:

"Hoje, muitas mulheres começam a trabalhar quando já acabaram de criar os filhos; amanhã, para muitas delas a situação mudará: primeiro, trabalharão, e em seguida, dedicar-se-ão à educação da prole" (pág. 256).

Esta prospectiva, porém, sob o ponto de vista eugénico não é para desejar, pois que, ter filhos quer

multo cedo (antes dos 18 anos de idade da mãe) quer demasiado tarde (depois dos 35 anos) faz aumentar consideravelmente a probabilidade de efeitos nocivos tanto para a prole como para a própria mãe.

Do masculino-feminino, ao unissex

A concluir, uma pergunta ainda: como serão, no futuro, os papéis masculino e feminino, as relações entre homem e mulher?

Tudo parece indicar que se continuará a trilhar o caminho da igualdade. Para já, reconhece-se amplamente que o homem e a mulher são seres humanos iguais, embora não idênticos; na realidade, porém, demasiado frequentemente os homens são mais "iguais" do que as mulheres...

Todavia, enquanto que há menos de um século, nos países então evoluídos, as "sufragistas" se deixavam prender e matar por se dedicarem a reclamar para as mulheres o direito de voto, hoje, a ONU proclama o ano de 1975 como "Ano Internacional da Mulher", e prepara uma Conferência Mundial da Mulher, conferência que se realizará no México, de 23 de junho a 4 de julho de 1975 e tem como finalidade um triplo objetivo, exposto em Bucareste pela Secretária-Geral, a finlandesa Senhora Helvi Sipilä, a mulher mais altamente colocada na ONU:

1.º — Promoção da igualdade entre homens e mulheres;

2.º — Plena integração das mulheres no esforço global de

desenvolvimento, sublinhando de modo particular a responsabilidade e o papel das mulheres relativamente ao desenvolvimento econômico, social e cultural, nos níveis nacional, regional e internacional, especialmente em vista da Segunda Década do Desenvolvimento; e 3.º — Aumento do contributo das mulheres para o desenvolvimento de relações amistosas e de colaboração entre Estados, e para a consolidação da paz mundial".

Tudo isso soa um pouco a demasiada retórica internacional, mas entretanto já em Bucareste as mulheres fizeram ouvir eloquentemente a sua voz, não só na Tribuna, mas também na Conferência oficial, de modo particular na Comissão sobre População e Família. Tanto é assim, que conseguiram fazer inserir algum emendamento feminista no próprio Plano Mundial de Ação Demográfica. Denunciaram sobretudo a situação penosa da mulher nas vastas populações rurais das regiões menos desenvolvidas: "uma maioria silenciosa", como lhe chamaram.

"As nossas pesquisas *in loco* — disse a Senhora Sipilä — demonstram que por exemplo em África as mulheres trabalham não raro 18 horas por dia, e que sobre elas recaí toda a responsabilidade pela educação dos filhos, bem como o cuidado da casa, incluída a produção do alimento e do vestuário. E isto, evidentemente, ao nível de pura e simples subsistência, sem preparação nem instrumentos adequados."

Também em Bucareste, porém, alguns dias antes da mencionada Conferência, se podia observar, na assembléa mundial da juventude, como em toda parte, quanto os jovens de hoje se inclinam para sublinhar não as diferenças, mas a igualdade, mesmo externa, entre homem e mulher. A mulher usa calças compridas; o homem, cabelos compridos (mas também a barba). Ela cuida um pouco menos das calças; ele, um pouco mais dos cabelos. De maneira que por vezes se torna difícil adivinhar quem é ele e quem é ela... Há quem veja nesta tendência "unissex" um plano inclinado para a homossexualidade. Não estou muito certo de que seja assim. Pelo contrário, uma pesquisa feita a este propósito corrobora a hipótese de que o fato de sublinhar as diferenças sexuais entre homem e mulher, mesmo as secundárias e psicológicas, leva a colocar em realce, fora e dentro do matrimônio, a sexualidade; ao passo que o fato de sublinhar as semelhanças, como tendem fazer os jovens de hoje — e todo o povo chinês —, leva a acentuar o "companionship", as relações de amizade, de camaradagem, entre homem e mulher.

Sendo verdade que hoje um matrimônio nasce do amor, mas só na amizade cresce, se desenvolve e sobrevive, a tendência unissex seria um bom presságio para a estabilidade matrimonial no futuro.

E na verdade, — já aludimos a isso —, as vanguardas femininas e feministas de hoje propugnam não certamente a assunção de papéis masculinos por parte da mulher e

multo menos uma inversão de papéis, mas uma **comparticipação de papéis** entre marido e mulher. Querem que não seja só ele a prover, do exterior, medidas a sua atividade profissional às necessidades familiares; nem só ela a dedicar-se, no interior, às tarefas domésticas e ao cuidado dos filhos. Homem e Mulher associados, pois; marido e mulher participantes, solidários, verdadeiramente complementares; numa palavra: **companheiros**, quer fora quer dentro da família. Essa parece ser a prospectiva futura.

E não estaria talvez aí a plena realização do plano divino do "*adiutorium simile sibi*", ou melhor, porque menos "*andromórfico*", do "*erunt duo in carne una*" do Gênesis, citado depois, mais de uma vez, pelo próprio Jesus e pelo Apóstolo Paulo?

O fato é que as vanguardas femininas de hoje — segundo a investigação de Bernard — certamente não são contra o matrimônio, mas são a favor do não-matrimônio, isto é, redescobrem o valor humano do celibato voluntário. Também isso parece de bom auspício, se é verdade que só aquele ou aquela que é capaz de compreender o valor humano do celibato consegue compreender em profundidade o valor humano do matrimônio e da família.

Seja como for, uma coisa desejaria, ao terminar, dizer-vos em confiança. Na minha opinião, com as "senhoras" é como com Nossa Senhora: se não existisse realmente, seria necessário inventá-la...

BIBLIOGRAFIA cronológica sobre
"Homem e Mulher na Família de amanhã."

A. LIVROS

1. Donata e Grazia **FRANCES-CATO**: *Famiglie aperte: La comune* — Analisi socio-psicologica delle comuni nordamericane, con una nota sulle comuni italiane, Milano, Feltrinelli, 1974, 260 pp. (I Nuovi Testi).

2. Jessie **BERNARD**: *The Future of Marriage*, New York, World Publishing Co., 1972, 410 pp. (Bantam).

3. David **COOPER**: *La morte della famiglia* — Il nucleo familiare nella società capitalistica, Torino, Einaudi, 1972, 147 pp. (Nuovo Politecnico, n. 54). Original: *The Death of the Family*, London, Penguin Books, 1971.

4. Paolo **DE SANDRO**: *Famiglia nella società: tra ieri e domani*, Roma, Ave, 1972, 121 pp. (Enciclopedia della famiglia).

5. Clayton C. **BARBEAU** Ed., *Future of the family*, New York, The Bruce Publishing Company, 1971, 137 pp.

6. Giampaolo **MARTELLI**, Franz **WEYERGANS**, Giampaolo **BONANI** e outros: *La famiglia al bivio*, Torino, 1971, 161 pp.

7. Herbert A. **OTTO**, ed., *The family in Search of a Future* — Alternate Models for moderns, New York, Appleton-Century, 1970.

8. Georgene H. **SEWARD** and Robert **WILLIAMSON**, eds., *Sex Poles in Changing Society*, New York, Random House, 1970, 419 pp.

9. J. Ross **ESLEMAN**: *Prospectives in marriage and the family* — Text and readings, Boston, Allyn and Bacon Inc., 1970, 770 pp.

10. Katherine **ELLIOT**, *The Family and its future*, A Ciba Foundation Beneprent, London, J. A. Churchill, 1970, 240 pp.

11. Jacques **LECLERCQ**: *Verso una famiglia nuova?*, Presentazione di Enzo Giamanchesi, Brescia, La Scuola ed., 2.^a ed., 1970, 166 pp.

12. Spartaco **LUCARINI**: *La rivolta della donna*, Roma, Città Nuova, 1969, 145 pp.

13. Filippo **BARBANO**, Franco **BONACINA**, Pietro **PRINI** e Gruppo studi previsionali e operativi Irades: *Società e tecnologia: il domani dell'uomo, della famiglia e dello Stato*, Roma, Irades, Ed., Studi Previsionali, 1968, 128 pp.

14. John N. **EDWARDS**, ed., *The Family and Change*, New York, Alfred A. Knopf, 1969, 479 pp.

15. Edmund J. **KING**: *Prospettive mondiali dell'educazione*, a cura di Trieste Valdi, Roma, Armando ed., 1968, 482 pp.

16. H. **KENT GEIGER**: *The Family in Soviet Union*, Cambridge, Ma: Harvard Univ. Press, 1968, 381 pp.

17. Evelyne **SULLEROT**: *Domani le donne*, Milano, Bompiani, 1966, 275 pp. (Cose d'oggi, n. 43).

18. Helmut **SCHLSKY**: *Il sesso e la società*, Milano, Garzanti, 1963, 173 pp. (Saper Tutto). Original: *Soziologie der sexualität*, Rowohlt Deutsche Enzyklopädie.

19. Margaret **MEAD**: *Male and Female* — A Study of the Sexes in Changing World, New York, William Morrow and Co., 1949, 477 pp.

B. PARTES DE LIVROS

1. Ira **REISS**, "The Family system and its probable future — Prologue", in Ira **REISS**, *Readings on the family system*, New York, Holt, Rinehart and Winston Inc., 1972 pp. 1-7.

2. Giacarlo **MILANESI**, "La famiglia oggi: i suoi problemi, il suo avvenire", in *Genitori oggi*, Zürich: PAS-Verlag, 1972, pp. 9-19.

3. Anne Mc LAREN, "The Future of the Family", in J. EBELING and G. W. HEATH, eds., *The Future of Man*, London, Academic Press, 1972, pp. 65-75.

4. Collette CARISSE, "Family Values of Innovative Women: Perspectives for the Future", in Marvin B. SUSSMAN and Betty E. COGSWELL, eds., *Cross-National Family Research*, Leiden: E. Brill, 1972, pp. 35-52.

5. Urbano NAVARRETE, Jozef TOMKE, Francesco SALERNO, Giorgio CAMPANINI, Angelo CASTELLI, "Orientamenti legislativi per l'avvenire della famiglia", in *Matrimonio, famiglia, divorzio*, Napoli, ed., Dehoniane, 1971, pp. 329-418.

6. Alvin TOFFLER, "La famiglia fratturata", in *Lo choc del futuro*, Milano, Rizzoli, 1971, cap. 11, pp. 239-260.

7. Ira REISS, "Comment et pourquoi les normes sexuelles de l'Amérique sont en train de changer", pp. 215-222.

8. John WILSON, "Vres une nouvelle définition des rôles masculins et féminins", pp. 241-246, in Andrée MICHEL, ed., *La sociologie de la famille*, Paris, La Haye, Mouton, 1970.

9. Margaret MEAD, "Il ciclo vitale e le sue variazioni: la divisione dei ruoli", in Daniel BELL, ed., *Prospettive del 21 secolo*, Milano, Mondadori, 1969, pp. 322-328.

10. Lee G. BURCHINAL, "The rural family of the future", in *The family and change*, New York, Alfred A. Knopf, 1969, pp. 409-445.

11. B. De SERCEY, "L'avvenire dei figli", in *Il libro della famiglia. Enciclopedia degli sposi e dei genitori cristiani*, Napoli, ed., Dehoniane, 1969, pp. 239-260.

12. Edward BENFIELD, "A predictive hypothesis", in William GOODE, *Readings on the family and society*, New Jersey, Englewood Cliffs, 1964, pp. 190-193.

C. ARTIGOS

1. "La famiglia del futuro nella visione cristiana", in *La Chiesa nel mondo*, 29, 1974, pp. 40-42.

2. Herbert A. OTTO, "Man-Woman relationships in the Society of the future", *The Futurist*, vol. VII, 2 April 1973, pp. 55-61.

3. Group marriage and "Intimate networks", "Some alternatives to Communes", *The Futurist*, vol. VII, 3, June 1973, pp. 117-119.

4. Salvatore LONGI, "Famiglia domani" — "Giovani 70", *Inchiesta sui problemi della famiglia a Castellamare di Stabia. Considerazioni pastorali*. A cura dell'Istituto pastorale Vico Equense. Supplemento al Bollettino Ecclesiastico, n. 2, marzo-aprile, 1972.

5. Sergio TRASATTI, "La famiglia domani", in *L'Osservatore Romano*, 96, 26/27 aprile 1971, p. 5.

6. Jessie BERNARD, "Women, marriage and the future", *The Futurist*, vol. IV, 2, April 1970, pp. 41-43.

7. Maryl HOOKER, "Will women become counterfelt?" (Tornar-se-ão as mulheres, homens "fingidos"?), *The Futurist*, vol. IV, 2, April 1970, p. 43.

8. Agnès HELLER, "L'avenir des relations entre les sexes", *Revue Internationale des Sciences Sociales*, 21, 4, 1969, pp. 574-584.

9. John N. EDWARDS, "Future of the Family Revisited", *Journal of Marriage and the Family*, 29, 1967, pp. 505-511.

10. Robert PARKE Jr. and Paul C. GLICK, "Prospective changes in Marriage and the Family", *Journal of Marriage and the Family*, 29, May 1967.

11. Reuben HILL, "The American Family on the future", *Journal of Marriage and the Family*, 26, 1, February 1964, pp. 20-28.